

# A FORMAÇÃO DO DTLLC

## DEPOIMENTO

JOÃO ALEXANDRE BARBOSA conta sua participação na formação do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo, num depoimento que percorre trinta anos de história da disciplina.

O meu contato com o criador de Teoria Literária aqui em São Paulo, professor Antonio Candido, ocorreu no 2º Congresso de Crítica e História Literária em Assis, em 1961. No Recife, eu já ensinava em duas faculdades, também escrevia para jornais e, para esse congresso, escrevi um texto sobre historiografia literária. Na verdade, era em grande parte o resultado da leitura que eu tinha feito da *Formação da Literatura Brasileira*, publicado em 1959.

O 1º Congresso (de Crítica e História Literária) tinha sido realizado no Recife, inclusive com a presença de Sartre e Simone de Beauvoir, em 1960. Eu e o Luís Costa Lima éramos muito jovens, mas participamos. Nós éramos colegas na Faculdade de Direito do Recife e sempre fomos colegas nos lugares em que ensinávamos, tanto na Universidade Católica quanto na Faculdade privada de Filosofia.

Eu conheci o Antonio Candido em 1961 e, em 1963, resolvi propor à Universidade do Recife, que hoje é a Universidade Federal de Pernambuco, a criação do curso de Teoria Literária. Claro que eu imaginei como modelo esse

curso que o Antonio Candido começara a dar aqui na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo e que já existia na Faculdade de Assis.

Para criar o curso de Teoria Literária em Recife eu me comuniquei com o Antonio Candido e ele me escreveu uma longa carta, dizendo como é que funcionava (ver *infra*). Não só isso, mas foi generoso a ponto de mandar os programas e textos dos cursos que ele havia dado em Assis. E de fato eu consegui criar a Teoria Literária em Recife, da qual eu era o único professor. Eu dei o curso de Introdução aos Estudos Literários seguindo bem de perto o modelo que me tinha sido oferecido. Mas isso durou pouco, porque logo em 64 houve o golpe de estado e eu, além de professor, escrevia em jornais, o que chamava atenção. Nós tivemos duas vezes a nossa casa invadida pela polícia, pelo exército, e aí resolvemos sair.

Fora do Recife, a única pessoa em quem eu confiava era o Antonio Candido, então eu o procurei e ele me acenou com a possibilidade de vir para cá. Aí ocorreu o seguinte: nesse mesmo ano, o Antonio Candido foi convidado para ir a Paris, mas, através de recomendação e correspondências dele com o escritor Cyro dos Anjos, que era Diretor do Departamento de Letras da Universidade de Brasília, eu fui para lá com minha família no início de 1965. Minha mulher ficou ensinando no Departamento de Artes e eu no de Letras. Eu fui como professor assistente, e o professor associado do departamento era o crítico Oswaldino Marques. Ia tudo muito bem, eu comecei a pensar na minha tese de doutoramento, porque até então eu era apenas um bacharel em Direito que tinha virado para a literatura.

Desde o início, eu nunca advoguei e ainda muito jovem comecei a ensinar Literatura Francesa e Brasileira para um cursinho da faculdade de Direito. Eu tive muitos alunos; entre eles, eu me orgulho de ter sido professor de um candidato à Presidência da República em quem eu votei, que era Roberto Freire (eu tive outros alunos menos agradáveis, que não vale a pena nem citar).

Mas aí, em Brasília, eu aproveitei para começar a organizar as leituras, as notas, de modo a fazer a tese de doutoramento. Mas, de certa forma, nós perseguimos os momentos ruins do golpe de estado, porque em 65 a Universidade de Brasília foi invadida. Nós amanhecemos um dia com os tanques na universidade, e aí, é claro, esses são momentos difíceis, há muita tristeza em você ver a universidade sendo invadida, mas também ver professores e colegas que aderem ao outro lado. Nós não aderimos e fomos demitidos com mais 220 da Universidade de São Paulo. Eu me lembro de

que, ligados à Teoria Literária e Literatura Comparada, foram conosco também demitidos o Jean-Claude Bernadet e sua mulher Lucilla, que foi minha aluna em seminários de Teoria Literária, o Paulo Emílio (Sales Gomes) e o Décio Pignatari. Nós, então, em 66, voltamos para o Recife e foi uma coisa terrível, porque eu voltei para um ninho de cobras. Eu retomei os lugares em que ensinava com certa dificuldade, mas, enfim, consegui.

Mais ou menos em fins de 66, o professor Antonio Candido voltou da França e eu resolvi vir para São Paulo. Apesar de todos os esforços, o professor Antonio Candido não conseguia o meu contrato, então adotamos uma solução que foi ideal para mim: nós conseguimos uma bolsa de doutoramento na Fapesp. Foi uma das primeiras bolsas de humanidades, de Letras, dadas pela Fapesp, e era uma bolsa especial porque eu tinha obrigação de ser uma espécie de auxiliar da área de Teoria Literária na Faculdade.

Eu comecei, então, a trabalhar na Maria Antônia em 67. Já trabalhavam na área de Teoria Literária o Roberto (Schwarz), que foi a primeira pessoa a trabalhar com Antonio Candido, e a Walnice Nogueira Galvão. Mas era um trabalho duro, porque o que eu fazia era ensinar os alunos a fazerem ficha, bibliografia, levantamento, e o número de alunos era muito grande. O resultado é que eu corrigia os trabalhos, inclusive o dos colegas, e, às vezes, eu saía com malas de trabalhos para corrigir.

Eu continuei a elaborar minha tese, mas, com a invasão da Maria Antônia em 68, os cursos começaram a passar para a Cidade Universitária. O curso de Línguas Orientais, que já estava na Cidade Universitária porque era ligado ao de História, precisava de alguém que desse Introdução aos Estudos Literários e, por indicação do professor Boris Schnaiderman, eu passei a dar esse curso. Foi a minha independência da correção daqueles trabalhos enormes.

Em 69, finalmente, surgiu uma possibilidade de verba, só que na área de Literatura Brasileira, que era dirigida pelo professor Castello, que, de uma generosidade absolutamente inacreditável hoje, sobretudo hoje, passou a verba para o Antonio Candido e com isso eu passei para a área de Teoria Literária. Por isso é que eu, no meu concurso para titular, na presença dos dois, disse que entrei na Universidade de São Paulo pelo coração do Antonio Candido e pelo bolso do Castello, mas eu sei que também pelo coração do Castello, que sempre gostou muito de mim e eu dele. A partir daí fiquei integrado à área, que nessa época aumentou com a vinda, acho que quase ao mesmo tempo, da professora Teresa Vara e do professor Davi (Arrigucci

Jr.). Esse foi o núcleo original, depois veio a Lúcia (Chiappini), que era aluna do Antonio Candido. Existiam também os seminários que o Antonio Candido fazia com quem estava escrevendo tese. No momento eram muito poucos. Eu me lembro do Roberto (Schwarz), da Walnice (Nogueira Galvão), eu, a Telê (Ancona Lopes) e duas ou três moças que trabalhavam também com o Mário de Andrade. Esse era o grupo inicial. Havia também uma professora que fazia uma tese para a área de Literatura Inglesa, mas era orientada do Antonio Candido, a Onédia Carvalho Barbosa, que fez um trabalho esplêndido sobre as traduções de Byron no Brasil.

Na verdade, a minha tese já estava praticamente pronta, tanto que eu defendi em março de 1970 no doutoramento, e foi a primeira. Aliás, o Alfredo Bosi, que estava na banca, disse publicamente, e eu acho que é verdade, que aquela tinha sido a primeira tese em Teoria Literária a ser defendida no Brasil, porque não existia o novo sistema, não existia mestrado. Para fazer o que se chamava de doutoramento direto, a pessoa tinha de apresentar dois trabalhos subsidiários. Eu apresentei um para a área de Literatura Brasileira, que se chamava *Linguagem e Metalinguagem em João Cabral*, e o outro para a área de Literatura Francesa, que se chamava *Mallarmé segundo Valéry*, e a tese sobre José Veríssimo. A tese de João Cabral eu escrevi nos Estados Unidos e defendi como tese de livre-docência em 73.

Depois o departamento aumentou muito. Na verdade, não era um departamento. Teoria Literária e Literatura Comparada era uma disciplina que existia dentro de um departamento muito estranho, que era o Departamento de Lingüística e Línguas Orientais. De certa forma, tinha alguma coerência em ligar Teoria Literária e Lingüística, mas era um departamento de Línguas Orientais, então ficou uma coisa estranha. O chefe do departamento foi o professor Salum, de Filologia, grande professor; depois ficou chefiado pelo professor Carlos Drummond, que era de Línguas Indígenas do Brasil, que também funcionava dentro desse departamento, e depois fui eu, quando já era titular.

Eu passei o ano de 77 em Cambridge, Massachussets, Harvard, tinha uma bolsa Guggenheim e fui para lá. Então o Candido me escreveu, dizendo que iria se aposentar mas queria alguém no seu lugar. Eu escrevi para a professora Walnice para que ela fizesse rapidamente o concurso, mas ela disse que não faria. Eu então fiz o concurso de adjunto e, em 80, fiz o concurso para a vaga dele. Portanto, no Diário Oficial eu entrei na vaga do professor Antonio Candido, o que, para mim, é bastante curioso. No ano em que eu o conheci, estava com 24 anos, no início de minha formação, e

jamais imaginei que um dia faria o concurso para a vaga dele. Outra coisa interessante é que o Candido começou com uma tese sobre Sílvio Romero e eu sobre José Veríssimo. Aliás, nós brincávamos sobre isso, porque como ele não é formado em Letras, mas em Ciências Sociais, na época ele me dizia: “O Sílvio Romero foi o meu álibi para poder dar aulas em Letras, José Veríssimo vai ser o seu”. Foi assim que aconteceu, quer dizer, nós estamos montados nos dois grandes críticos do século XIX. O fato é que na década de 80, como titular, eu fui chefe do departamento durante quatro anos. Apesar de todos os esforços do professor Antonio Candido, dos colegas, o Departamento de Teoria Literária não se criava, porque sempre se dizia que não havia número suficiente de professores, era preciso 15 ou 16.

Um certo dia, eu já era Diretor da Faculdade de Filosofia, acho que foi em 89, e estávamos numa reunião debatendo os cursos de Letras. O então reitor da Universidade era o professor Goldemberg que, durante o debate, me passou um bilhete dizendo assim: “Mas não existe Departamento de Teoria Literária?”, estranhando o fato. Aí ele resolveu abrir concurso para preencher o número de vagas, o que foi feito em 89 ou 90, eu já era presidente da Edusp. Criou-se então, em 90 ou 91, o Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada.

Comigo aconteceu o seguinte: eu fui para a Editora em 1988 a convite do professor Goldemberg; em 89 fui eleito Diretor da Faculdade de Filosofia, aliás, o único eleito pelos professores, alunos e funcionários, porque eu sempre dizia que só aceitaria ser diretor assim. Mas logo em seguida o professor Lobo, que havia assumido a reitoria da Universidade, me convidou para ser Pró-Reitor de Cultura. Aí foram anos de muito trabalho. De 90 até 93, quando nos demitimos, eu fui simultaneamente Presidente da Editora e Pró-Reitor de Cultura, e não tive mais contato com o departamento (embora tenha dado cursos de pós-graduação e graduação), porque não tinha tempo.

Em 93, o reitor Roberto Leal Lobo resolveu pedir demissão e nós, pró-reitores, pedimos. Eu então me aposentei, porque achei que já tinha dado o que era possível para a universidade em termos institucionais. Portanto, nessa fase recentíssima da criação do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada, eu não tive um contato mais intenso, embora me orgulhe muito de estar na sua origem. Esta é a minha história de relação com o departamento.

Handwritten Chinese characters, possibly '天' (Heaven) or '天' (Heaven).

